



## **O Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular - GECEP: reflexões em forma de breves relatos**

*The Culture and Popular Education Study Group - CPESG: reflections in the form of shorts stories*

FERREIRA, Adriana A.<sup>1</sup>; TAVARES, Jenifer F.<sup>2</sup>; CAMPOS, Gabriel M.<sup>3</sup>; MAFRA, Andrew H. da Silva<sup>4</sup>; RUSSO, Juliana da SILVA<sup>5</sup>;

<sup>1</sup>UFRRJ, adrianaferreira@ufrrj.br; <sup>2</sup> UFRRJ, jenifelipee@ufrrj.br; <sup>3</sup>UFRRJ, marinsg4briel@ufrrj.br; <sup>4</sup> UFRRJ, andrewmafra@gmail.com; <sup>5</sup> UFRRJ, julianarusso97@gmail.com.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia**

**Resumo:** Relato em forma de lembranças, buscando refletir sobre as ações do GECEP (Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular), criado em 2014, no qual se realizam estudos ligados diretamente à luta pela terra e que integram bolsistas e estudantes que se interessam pela pesquisa. O grupo atualmente possui as seguintes linhas de pesquisa e extensão: projeto de pesquisa “Cultura popular e estética dos movimentos sociais da América Latina”; projetos de extensão “Educação popular, movimentos sociais e serviço social” e “Memórias e Movimento”. É de nosso interesse trazer minimamente o que o Grupo tem vivenciado, seja nas visitas aos assentamentos, nos estudos das peças teatrais, nas leituras das poesias e/ou nas manifestações artísticas. Também buscamos evidenciar nosso caminho percorrido na pesquisa pelas publicações e participações em eventos que se relacionam com cultura, memória, agroecologia e resistência, no período de 2019-2023.

**Palavras-Chave:** luta pela terra; cultura; educação popular; auto-organização.

#### **Contexto**

O relato foi elaborado a partir de lembranças, consequências das experiências vivenciadas no Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular, que é vinculado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e ao Projeto de Pesquisa “Cultura popular e estética dos movimentos sociais da América Latina”; projetos de extensão<sup>1</sup> “Educação popular, movimentos sociais e serviço social” e “Memórias e Movimento”. O grupo foi criado em 2014, vinculado ao Departamento de Serviço Social da UFES, onde atuava a coordenadora, professora Adriana Amaral Ferreira, até 2019; de 2019 em diante, o grupo passou a ser vinculado ao curso de Serviço Social da UFRRJ, do qual participam estudantes da graduação, bolsistas de pesquisa e extensão e outros colaboradores externos. As atividades são direcionadas pelos projetos de extensão “Educação popular, movimentos sociais e serviço social” e “Memórias e Movimento”. Além dos Projetos de pesquisa “Cultura popular e estética nos movimentos sociais da América Latina” e o Projeto de iniciação científica “Poesia e Luta pela terra”. As experiências relatadas foram vivenciadas na Baixada Fluminense, em especial nos municípios de Seropédica, Paracambi e Queimados, que estão localizados na região metropolitana do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Projetos de extensão contemplados pelo edital BIEXT, desde 2019, tendo como bolsistas, Carolayne Ferreira dos Santos, Isabella Leal, Cibele Araujo da Silva e, atualmente, Andrew Mafra.



Essas atividades junto a coletivos e movimentos sociais, assim como o estudo de suas literaturas e manifestações artísticas, mostram-se de suma importância para que possamos compreender seu modo de vida, cuidado com a terra, em resistência produzida contra a exploração capitalista. Outrossim, o GECEP também busca realizar o estudo, relacionando a teoria com a prática, além de se aproximar das memórias de luta junto dos próprios sujeitos de resistência. Dessa forma, fomentamos para que toda jornada de luta e resistência que foi desempenhada ao longo dos anos não caia no esquecimento, enquanto ainda é estimulada, veiculada e valorizada.

### **Descrição da Experiência**

A luta pela terra no Brasil data desde a época colonial, que resultou numa demarcação deturpada das terras do país, expulsando, exterminando e escravizando os povos originários que aqui já residiam (FERNANDES, 1999). Esta luta é presente na vida dos povos originários e camponeses que resistem até os dias atuais, buscando romper com a lógica capitalista de concentração, expropriação e exclusão que se dá na figura dos grandes latifundiários, possuidores de hectares de terras, que muitas das vezes não possuem função social, deixando para os trabalhadores pequenas porções destas (GASPAROTTO; TELÓ, 2021).

A reforma agrária popular se faz extremamente necessária, visto que o Brasil desponta como um dos países com mais alto nível de concentração de terra no planeta (IBGE, 2020). Apoiado na importância desta luta e na imensa dificuldade enfrentada pelo povo que resiste à lógica dominante do Capitalismo, o Grupo de Estudos Cultura e Educação Popular (GECEP), tem por objetivo abordar essas temáticas com representantes desses movimentos sociais, evidenciando a luta enfrentada por estes na busca pela garantia de seus direitos, assim como compreender a materialização da resistência através das formas literárias (peças teatrais, poesias, canções, entre outras) e relacioná-las às teorias sociais nos quais buscamos apoio.

No período pandêmico, foi necessário que as atividades fossem realizadas de modo remoto, tanto para o cumprimento das atividades obrigatórias mediante aos projetos de pesquisa e extensão, quanto para os estudos coletivos e outras ações. Neste período, aprofundamos os estudos sobre as experiências anteriores do grupo, visto que o contato com os movimentos sociais não era recorrente. Além disso, foi necessário repensar o sentido das ações de extensão para o GECEP, já que as atividades remotas constantes, sem diálogo e trocas de experiências enfraqueceriam a metodologia de trabalho do grupo. Portanto, buscamos inspiração nas experiências de resistência livres e conscientes a partir da cultura popular no território. Num contexto de crise estrutural (MÉSZÁROS, 2011), em que são expostas as condições de barbárie vivenciadas pela humanidade e que podemos dizer, após a catastrófica pandemia que foram agudizadas. As experiências de resistência ganham um novo sentido, um sentido mais urgente de superação da realidade e que afetam diretamente a formação do MST e as diversas experiências



de luta pela terra, apresentando a necessidade de buscar no passado referências práticas para orientar criticamente as ações do presente. O GECEP buscou relacionar as demandas específicas de uma pandemia, mas também a reflexão da situação em que se encontravam os coletivos e assentamentos nos quais tínhamos contato. Na busca de aprofundamento das reflexões, participamos da organização do Seminário Integrado de Educação Popular, que aconteceu de forma remota, reunindo grupos de trabalho temáticos e coletivos populares de luta pela terra.

Os caminhos trilhados pelo GECEP caracterizam-se por estudos profundos sobre os saberes dos trabalhadores/as do campo, já que, mesmo com os entraves da pandemia, realizamos diversas pesquisas com múltiplos grupos, coletivos e associações de pessoas que buscam seus direitos básicos como o de ter uma vida digna, na qual possa habitar e produzir em sua própria terra; visto que, segundo Jérémie Gilbert: “o direito à terra [...] sem acesso à terra, muitas pessoas são colocadas em situação de grave insegurança econômica” (2013, p. 121). Ainda sobre este caráter social, ainda há a questão cultural que envolve esta luta, levando em conta que as expressões culturais desempenhadas por estes grupos em questão acabam por ser silenciadas nesse embate entre o capital e os trabalhadores, demarcado por inúmeros processos de violência. Entre elas está a destruição da relação entre o homem e a natureza, resultando num apagamento de saberes e tradições ligados à luta pela reforma agrária.

Lembraremos aqui então da história do Empório da Chaya<sup>2</sup> (Figura 1), um coletivo de mulheres com o qual o GECEP realiza atividades. Este tem se reinventado, produzindo resistência, memória e auto-organização. O coletivo de mulheres Empório da Chaya é formado atualmente por 11 integrantes. Formado em 2015, no acampamento Marli Pereira da Silva, em Paracambi/ RJ. Desde então, tem se reinventado, produzindo resistência, memória e auto organização. Produz alimentos orgânicos com PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais), produção de medicamentos, cosméticos naturais, prática agroecológica, como também produção de resistência, afeto mobilizador e vida comunitária. Todos esses conhecimentos só se tornam possíveis através do reconhecimento do conhecimento tradicional e conexão humana com a terra, bases da crítica do capital e da práxis emancipatória.

Outra lembrança importante para o amadurecimento do grupo são os estudos sobre a literatura popular dos camponeses/sas, Poesia e luta pela terra, como práxis emancipatória dos movimentos e coletivos de luta por terra, desdobrou-se coletivamente no GECEP, em 2020/2021,<sup>3</sup> os estudos das Poesias da Terra voltaram-se à obra do Luiz Beltrame; em 2021/2022, à obra do Charles Trocate<sup>4</sup>; em

<sup>2</sup> O coletivo produziu um caderno de receitas, disponível em: <http://aspta.org.br/files/2022/01/Caderno-de-receitas-Chaya.pdf>

<sup>3</sup> O projeto obteve bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, PIBIC, tendo sido desenvolvido pela estudante Juliana Russo; obras fundamentais do Luiz Beltrame estudadas: *Sonho com a terra* (2002) e *Sonho com a vida* (2009).

<sup>4</sup> O projeto obteve bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, PIBIC, tendo sido desenvolvido pela estudante Juliana Russo; Obras como: “Primeira antologia da poesia e da música dos sem terra”, organizada por Viera (2016) e “Sem terra com poesia: a arte de recriar a



2022/2023<sup>5</sup> os estudos voltaram-se às obras de mulheres camponesas<sup>6</sup> do MST como Diva Lopes e Ana Claudia Pessoa.

A pesquisa bibliográfica das literaturas possibilitou o enlace proposto entre a manutenção da barbárie fabricada pela lógica capitalista em contraponto com a crítica da economia política e as obras literárias já citadas destas mulheres camponesas, costurando questões valiosas à agroecologia e aos movimentos sociais que lutam pela terra e que estão diretamente ligadas às questões de gênero, questões socioambientais, vida camponesa e também com a própria concepção de literatura.

À luz de Antônio Cândido, quando traz a concepção de “literatura humanizadora” podemos estender esta ideia para enfatizar a necessidade de fabulação onde o mesmo expõe que a arte e a literatura é “[...] uma necessidade básica que não pode deixar de ser satisfeita sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora” (CANDIDO, 2004, p. 177). Dessa maneira, é preciso um olhar atento às obras como a do poema de estrofe único chamado “Placidez”, da poeta camponesa Diva Lopes que se encontra na coletânea do MST (2016), “Versando Rebeldia”, que nos revelam formas de reinvenção, sobrevivência e resistência.

A chama ainda quente  
interrompe essa intolerável placidez;  
com fúria, desabafos e gemidos.  
Antecipo o infinito para mostrar-te  
o caos do agora e as cores ainda vivas da revolução.<sup>7</sup>

A proposta do estudo das poesias citadas possibilita compreender a figura por trás da poesia, assim como o território vivenciado e o impacto transformador que a produção cultural nos movimentos sociais podem produzir.

## Resultados

Como resultados, podemos citar as múltiplas ações desempenhadas no correr dos encontros do grupo, em que foi notório para os integrantes — desde os que já estão desde a sua gênese aos mais atuais — o quanto este espaço vem crescendo e ganhando corpo. Chegamos a essa afirmação quando observamos as parcerias com alunos e professores de outros cursos, sobretudo os da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) e da Agronomia, que são áreas que debatem acerca do

tema da Agroecologia, além dos momentos culturais e interativos promovidos pelo grupo, como “místicas” e saraus que abordam, celebram e reforçam a luta pela terra (Figuras 2 e 3); assim como a exposição de filmes que remontam às

---

história”, da Roseli Caldart (1987), focando na obra de Charles Trocate, do MST do Pará que escreveu os livros: Poemas de Barricada (2002); Ato primavera (2007); Bernardo: Meus poemas de combate (2007) e 1993 (2015).

<sup>5</sup> Sendo, neste biênio, desenvolvido pela bolsista Jennifer Felipe Tavares.

<sup>6</sup> Obras presente em coletâneas como Versando Rebeldia (VIEIRA, 2006).

<sup>7</sup> Cf. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2016, p. 84

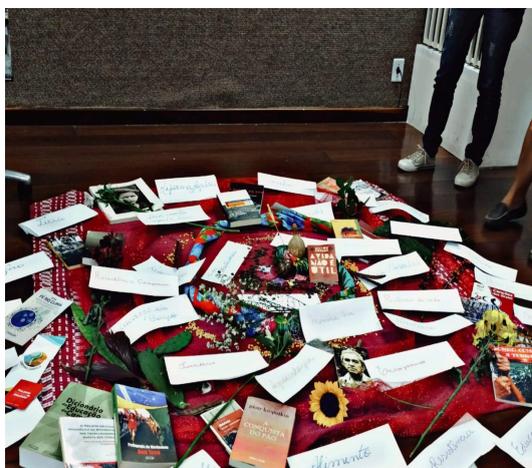


organizações populares de luta contra o sistema hegemônico. Ademais, também tivemos apresentações de estudantes integrantes do grupo em eventos e Trabalhos de Conclusão de Curso relacionados aos temas de estudo, como o estudo Saúde da mulher: ancestralidade e resistência (LAVOURAS, 2022) e Memórias de resistência à barbárie: a trajetória do Acampamento Marli Pereira, na Baixada Fluminense (ARAUJO, 2023).

Quanto ao último, este por sua vez se destaca em razão de trazer o olhar do Serviço Social para o debate da Agroecologia, considerando que estas duas áreas do conhecimento dialogam entre si. E isso tem sido muito benéfico também para o curso de Serviço Social da UFRRJ, tendo em vista que este é um dos poucos cursos que possui em sua grade curricular disciplinas voltadas ao campo — o que faz sentido quando analisamos o meio em que o curso se insere —, levando em consideração que o campo e o seu povo são pouco debatidos em outras universidades. Isto se dá em razão do caráter urbano atribuído à nossa profissão, entretanto não podemos esquecer que as expressões da “questão social” se apresenta estruturalmente no meio rural. E ao fazermos uma análise mais elaborada, ela se agudiza ainda mais nesses espaços, fomentando assim a necessidade da relação entre o Serviço Social e a educação popular, em atuação junto a comunidades e movimentos sociais.



**Figura 1.** Visita ao Empório da Chaya.



**Figura 2.** Mandala como elemento da Mística na Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária



**Figura 3.** IV Sarau de Poesias da Terra, em parceria com o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

### Referências Bibliográficas

BENEDETTI, Bruno; EITELBERG, Fábio; TORRES, Patrick; BIAVA, Pedro; STEDILE, Rafael. **Luiz Poeta**. Brasil: 2012. Vídeo (13 min). Disponível em: <https://youtu.be/CNyAlonZTiM?feature=shared>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In. CANDIDO, A. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades; Ouro sobre azul, 2004.

FERNANDES, B. M. BRASIL: 500 ANOS DE LUTA PELA TERRA. **Revista de Cultura Vozes**, [s. l.], ano 29, n. 1, jan./ago. 1999.

GASPAROTTO, A.; TELÓ, F. **Histórias de lutas pela terra no Brasil (1960-1980)**. São Leopoldo: Oikos, 2021. *E-book*. Disponível em:



<https://oikoseditora.com.br/files/Historias%20de%20lutas%20pela%20terra%20no%20Brasil%20-%20E-Book.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

GILBERT, J. Direito à terra como direito humano: argumentos em prol de um direito específico à terra. **SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos**, [s. /], ed. 18, p. 121-143, 2013.

IBGE. **Atlas do espaço rural brasileiro**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: IBGE/Coordenação de Geografia, 2020. 321 p.

LAVOURAS, R. M. DOS S. **Saúde da mulher: ancestralidade e resistência**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Versando rebeldia**. Frente Palavras Rebeldes. Festival Nacional de Arte e Cultura da Reforma Agrária, Belo Horizonte, jul. 2016.

SILVA, C. A. **Memórias de resistência à barbárie: a trajetória do Acampamento Marli Pereira, na Baixada Fluminense**, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

TROCATE, C. **Ato primavera**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.